

«A PROMESSA»

De Teresa Martins Marques

Nesse tempo eu nada sabia de guerras a não ser as de Portugal com a Espanha. Uma certa batalha, sobretudo:

"Raiava luminoso o dia 14 de Agosto de 1385..." Assim rezava a «Epítome da História de Portugal», da quarta classe:

- Minha Senhora, o que quer dizer Epítome?
- Menina, vá ver ao Dicionário.

E eu ia direitinha ao Dicionário do Augusto Moreno. Pela mão diligente do meu companheiro Ernesto Rodrigues (que o antologiou), muitos anos depois haveria eu de saber que o Senhor Augusto Moreno era um transmuntano de gema e bom poeta.

Fez-me bem à saúde da língua portuguesa o bendito Dicionário do meu pai.

- Menina, cuidado com as folhas! Isso é para ler, não é para arrancar!
- Está bem, está... Até desenhos eu fiz na folha de rosto, que está ali na estante a recordar-me os crimes sem castigo.

Mas, como disse, eu nada sabia de guerras. Estava longe de imaginar que naquele 6 de Junho, passavam apenas dezoito anos sobre o desembarque na Normandia. O calor começava a apertar, naqueles tempos o Verão chegava cedo. As aulas no Colégio prolongavam-se mornamente. Os dados estavam lançados, porém as aulas não havia meio de acabarem.

A irmã Alegria tinha decidido que a Francês iria ter um 15, afinal eu nunca errava "Finir, finissant, fini, je finis, je finis." A Irmã Maria da Graça aplaudia com um dezasseis as minhas divisões de orações. A Irmã Ana Maria não era tão mãos largas e um treze a Matemática já era uma lança em África, verdade seja dita que eu não merecia mais de doze e o bónus era inflacionado pela performance nas outras disciplinas.

Estávamos de saída para o recreio e a Alda, minha colega de carteira, mirava e remirava uma bela flor amarela de calquito, ainda não colado. Carregava-se na figura em cima de uma folha e aquilo ficava ali per omnia secula seculorum, enquanto o caderno durasse. Pelo olhar da Alda via-se bem que aquele era um calquito de estimação. Tanto bastou para que eu pensasse outro tanto. Atirei o barro à parede:

-Tu não queres trocar o calquito por outra coisa?

- E o que é que tu me davas em troca?

Eu pensei e tornei a pensar: a borracha verde fazia-me falta para o desenho, não podia ser. Os lápis de cor ainda menos. O afia cor de rosa também não. Era um problema. Não tinha mais nada em cima da mesa para a troca.

De repente, zás! Uma ideia peregrina deu um pulo à minha frente:

-E se eu te fizesse uma promessa?

-Uma promessa? Mas que promessa?

- Uma coisa assim para sempre...

A Alda que estava habituada à imaginação das minhas redacções desatou a rir, a pensar o que é que viria dali.

-Explica lá isso da promessa...

-Se tu me deres o calquito, eu prometo dizer-te obrigada todos os anos, no dia 6 de Junho. Digo assim: Obrigada, Alda, por me teres dado o calquito.

- E o que é que eu ganho com isso?

- Ganhas que eu sou tua amiga e assim nunca mais me esqueço de ti...Então a irmã Maria da Graça não disse que a amizade era uma riqueza?

A Alda pôs-se a pensar, a pensar. Entretanto eu também pensava que a Alda não tardava nada ia pôr-se a rir - és uma espertalhona, não querias mais nada!

Não riu. Pelo contrário, ficou muito séria.

-E tu juras que vais lembrar-te sempre, assim durante muitos, muitos anos, até quando fores velhinha?

- Juro!

- Se calhar daqui a um ano já te esqueceste!

-Juro que não me esqueço! Cruzei os dedos e beijei o mindinho.

-Pega lá o calquito, mas livra-te de te esqueceres, porque senão tiro-to outra vez!

No fim do 2º ano do que ainda não se chamava ciclo preparatório a Alda saiu daquele Colégio e eu transferi-me também para outro. E nunca mais vi a Alda. Guardei o calquito como um tesouro, símbolo da infância, embora nesse tempo eu não soubesse nada de símbolos da infância. No ano seguinte coleí-o na folha de rosto do caderno de Português e vê-lo ali todos os dias reforçou a história do caquito na minha memória. Via no calendário o dia 6 de Junho e lembrava-me: é o dia do calquito, obrigada Alda, estas lá onde estiveres!

Perdi o rasto ao caderno, mas não à história do calquito. Mais tarde aprendi que o dia 6 de Junho de 1944 era uma data histórica. Mas o meu desembarque era outro. E o meu sorriso já adulto via uma flor amarela em fundo branco e duas crianças a rir a rir...

Cinquenta e dois anos depois, sem nunca mais ter sabido dela, vi com espanto, o nome da Alda no facebook.

E pedi-lhe amizade. Para que ela pudesse ler a história do calquito. Alda Balula Chaves, estás a ver que eu cumpri a promessa?

_____ Faz hoje um ano que tive «este momento único» que me deixou emocionada, sem palavras...Nunca te esquecerei, SENHORA DOUTORA! OBRIGADA !

Vou ler uma vez mais! Vou uma vez mais olhar a tua foto e mandar-te o mais terno beijinho e pedir-te... que escrevas muito! Boa noite! Vou deixar-te com as minhas flores! ÉS GRANDE E LINDA, [Teresa Martins Marques!](#)